

**AVESSOS DA BELLE ÉPOQUE:
OS REVOLTOSOS DA VACINA
DEPORTADOS PARA A AMAZÔNIA***

Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
zensansara@bol.com.br

1. Introdução

Um olhar sobre as imagens da cidade do Rio de Janeiro do século XIX e início do século XX, registradas pela pena dos escritores, nos leva a um registro literário da cidade, como "mapas textuais" (GOMES, 1994), que nos conduzem às entrelinhas da vida social e política. De acordo como Renato Cordeiro Gomes, a cidade enquanto labirinto, faz com que seus habitantes a ressignifiquem por meio de múltiplos discursos, entre eles o literário: "Lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e "escritas", onde estratos prévios de codificação cultural se acham "escondidos" na superfície, e cada um espera ser "descoberto e lido". (GOMES, 1994, p. 78).

Há que se destacar a profunda heterogeneidade do campo intelectual, que vai desde escritores sintonizados com os salões às vozes dissonantes do coro de elogios à modernidade carioca, como bem enfatizou Brito Broca em *A Vida Literária dos 1900*. A história dos primórdios da República é indissociável da história da cidade, pois exerce influência significativa sobre a vida cultural e social e em especial na literatura:

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo, contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário. (BROCA, 2004, p. 60)

As imagens veiculadas sobre o Brasil no estrangeiro eram as piores possíveis e com a abertura do comércio e o intercâmbio do Brasil com a Europa, urgia modificar-se a paisagem da velha cidade. Com a implantação do projeto urbanístico de Pereira Passos (1902-1906), o Rio de Janeiro foi o palco primordial da encenação cultural da elite europeizada. Os paradigmas urbanísticos de circulação, higienização e ventila-

* Este trabalho constitui recorte de nosso projeto de pesquisa intitulado "Cartografias urbanas: centros e margens", financiado pelo CNPq. Este trabalho foi originalmente publicado na *Revista Recorte*, UNINCOR (2013).

ção determinavam uma nova reordenação topográfica. A abertura de amplas avenidas, o bota – abaixo do casario colonial, a crescente separação entre os redutos dos ricos e as zonas periféricas dos pobres estipulava as ordenações da capital republicana, calcada na modernização do espaço público e no ideal de uma urbanidade cosmopolita. O Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, era um marco de espaço urbano em que a pobreza e o luxo coexistiam. De acordo com Jeffrey D. Needell,

A Belle Époque carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e a recuperação da tranquilidade sob a égide das elites regionais. Neste ano registrou-se uma mudança sensível no clima político, que logo afetou o meio cultural e social. As jornadas revolucionárias haviam passado. As condições para a estabilidade e para uma vida urbana elegante estavam de novo ao alcance da mão [...] (NEEDEL, 1993, p. 39).

Enquanto capital federal, o Rio de Janeiro deveria transformar-se numa “Europa possível” e, ao mesmo tempo, corporificar um modelo de nacionalidade como porta de entrada e cartão postal do Brasil. (NASCIMENTO, 2008. p. 68). No âmbito da cidade simbólica, permeando a construção imagística da cidade progressista da *Belle Époque*, despontavam as críticas dissidentes. A ironia cortante presente na tessitura dos textos das crônicas jornalísticas, a cidade, harmônica e ideal do planejamento burguês, é retratada como cenário de tensões sociais, trocas culturais e disputas, tendo a cidade sido o palco de grandes movimentos políticos e sociais.

O “bota-abaixo” constituiu-se na total destruição de variadas propriedades, como casas comerciais e cortiços, ordens de despejo, ou seja, uma verdadeira febre de demolições que levaram os cidadãos a protestos, tendo em vista o autoritarismo imposto pelo governo como, por exemplo, a obrigatoriedade da vacina, as desapropriações embasadas em um discurso cientificista, onde se faziam os cidadãos crerem que suas casas estavam infectadas por bactérias. Com o objetivo de “civilizar” o Brasil, o então presidente da República Rodrigues Alves (1902-1906) concede ao prefeito Pereira Passos totais poderes para tornar-se o Barão de Haussmann do Rio de Janeiro, transformando a velha cidade colonial em uma urbe moderna.

Tendo como pano de fundo a cidade, eclodem no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, importantes movimentos sociais, como a Revolta da Vacina em 1904 e a Revolta da Chibata em 1910. A Revolta da Vacina foi uma manifestação política, em reivindicação para a melhoria dos problemas urbanos: rede de águas, esgoto e, sobretudo, um ambiente onde

não proliferassem doenças, ou seja, almejavam-se melhores condições de vida e de trabalho.

2. A Revolta da Vacina em alguns dos jornais da época

O discurso cientificista de fins do século XIX induzia a muitos a acreditarem que a vacina e a demolição dos cortiços seriam a solução para as mazelas sociais, as quais se tornavam uma ameaça à população do Rio de Janeiro, pois as classes populares eram vistas como “classes perigosas”, conforme afirma Sidney Chalhoub:

O lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade. O aumento da pobreza e da miséria ameaçava a “paz social” da burguesia, que passou a ver os seguimentos sociais mais pobres como uma classe perigosa. (CHALHOUB, 1996, p. 8.)

A aprovação da Lei da Vacina foi o estopim que levou a população à revolta, a qual eclodiu no dia 10 de novembro de 1904. Posteriormente, o governo suspende a obrigatoriedade da vacina. A imprensa da época registrou com frequência todo o evento, bem como seus desdobramentos posteriores. A crônica foi o gênero mais utilizado para a abordagem da revolta, o que de acordo com Margarida Neves, constitui um registro que nos revela “o tempo vivido.” (NEVES, 1995).

Vale ressaltar que as crônicas cariocas da *Belle Époque* foram o gênero literário que se impôs nesse período no Rio de Janeiro, tendo como veículo de difusão os jornais, sendo que estes discutem a relação entre o progresso e a tradição. O tal progresso almejado estava aliado à transformação urbana e era entendido como inexorável, ao passo que o conceito de tradição trazia em seu bojo um alerta à consciência nacional para a preservação dos monumentos do passado, da memória e do patrimônio cultural da cidade:

[...] a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios linguísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos. (ARRIGUCIJR, 1987, p. 57)

O jornal *O Paiz*, em 13 de novembro de 1904 noticia o levante sob o título “Vaccinação obrigatória. As arruaças de hontem.” Já no dia 14 de novembro, o mesmo jornal noticia a revolta com detalhes, inserin-

do em seu subtítulo a ementa do que será tratado no texto: “O dia de ontem. Arruaças, vaías e tiroteios. Bonds virados e incendiados. As providências do governo. A viação urbana suspensa. Os contingentes da polícia. Forças do exército. Auxílio da Marinha. Mortes de ferimentos. A cidade às escuras. Prisões. Várias notas.” Na *Gazeta de Notícias*, de 14 de novembro de 1904, Olavo Bilac publica a crônica intitulada “A Revolta da Vacina”:

Os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...).

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lâmpioes quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz.

Tanto no noticiário do jornal *O Paiz* como na crônica de Olavo Bilac, o objetivo foi o de esvaziar o caráter reivindicatório e político do movimento da Revolta da Vacina, o qual se opunha à vacinação obrigatória. De acordo com Magali Engel, o povo revoltado, representado nas crônicas de Bilac foi caracterizado como vagabundo e desocupado, em oposição às classes laboriosas. (ENGEL, 2005, p. 220).

A Revolta da Vacina constituiu uma evidência de como o cotidiano da cidade estava desordenado, em face das reformas de Pereira Passos e pela “modernização pelo alto” empreendida naquele momento. De acordo com Nicolau Sevcenko foi

por meio de um acontecimento catalisador (a vacinação compulsória), que os habitantes deram vazão aos seus descontentamentos endossando o movimento do quebra-quebra na cidade. Os alvos? Muitos dos elementos ou símbolos da remodelação desenhada pela administração Pereira Passos, ou, por outros termos, quase tudo aquilo em que eles pudessem pressentir a presença do poder que os afligia nos seus menores sinais: na luz elétrica, nos jardins elegantes, nas estátuas, nas vitrines de cristal, nos bancos decorados dos parques, nos relógios públicos, nos bondes, nos carros, nas fachadas de mármore, nas delegacias, agências de correio e postos de vacinação, nos uniformes, nos ministérios e nas placas de sinalização (SEVCENKO, 1984, p. 68)

Bilac em crônica publicada na *Revista Kosmos*, tematiza a Revolta da Vacina e é na qualidade de um intelectual e jornalista que demonstra sua preocupação com a nação e seu destino. De acordo com Magali Engel (2006), Bilac foi um intelectual que refletiu e pensou a sociedade de início do século XX, sendo um sujeito oriundo das elites, e, portanto,

seu projeto de nação, deveria realizar-se sob uma ótica da classe dominante, dentro de uma modernização de cima para baixo. Observe-se no trecho da crônica de Bilac, a caracterização do povo:

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos dos católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. (*Revista Kosmos*, nov. 1904).

Olavo Bilac, nesta crônica cotidiana, mostra um povo sem o domínio da leitura e da escrita, caracterizando-o como ingênuos, analfabetos e dessa forma, podiam ser manipulados facilmente. No geral, as suas descrições sobre a revolta da população que se opõe à campanha de vacinação contra a febre amarela, trazem marcas que dão os indícios da construção da profissão de repórter, descrevendo tudo o que estava ao alcance de seus olhos de maneira informativa e opinativa. Bilac, portanto, possui um discurso cívico e o núcleo do seu texto gira em torno da necessidade de se ter um Rio de Janeiro “civilizado” para, então, poder se modernizar.

Registre-se o alijamento do povo, para além do caráter de demérito em relação aos revoltosos, conforme exposto nas notícias de jornais, o povo também foi caracterizado através do personagem *Zé do Povo*, nas charges dos jornais da época, como sendo um mero espectador e não um cidadão. (SILVA, 2010, p. 102-102). De acordo com Pedro Krause Ribeiro, o personagem originalmente tem origem em Portugal, em 1875, nos desenhos do caricaturista Rafael Bordalo e, posteriormente, já no início do século XX aparece na cena jornalística brasileira com Raul Pederneiras, Calixto, Leônidas entre outros cartunistas. (RIBEIRO, 2009. p. 1037-1038).

da a historiografia tanto sobre a *Belle Époque* como sobre a Revolta da Vacina, apenas fazem rápida menção ao capítulo de tal degredo.

Ressalte-se que as deportações para a Amazônia não se deram somente para àqueles participantes da Revolta da Vacina ou para seu líder, o temível Prata Preta, mas fez parte de uma campanha de retirada dos indesejáveis de uma cidade que tentava se europeizar e se modernizar a partir de uma reforma urbana, conforme foi possível observar nos textos veiculados pelo periódico *O Rio Nu*. Na verdade, de acordo com Francisco Bento da Silva, foram desterradas pessoas dos estratos mais populares:

Eram, em muitos casos, sujeitos desempregados, biscates, capoeiras, delinquentes de pequenos crimes e que carregavam desde muito o estigma de serem elementos formadores das “classes perigosas”. Ou seja, os estereótipos que carregavam já os remetiam ao mundo do crime, fosse isso verdadeiro ou não. (SILVA, 2010, p. 130.)

Dessa forma, é diretamente nos jornais, onde podemos encontrar dados e textos sobre essa deportação de revoltosos para a Amazônia, textos esses que vão desde notícias às gazetilhas de pé de página ou mesmo crônicas, como foi o caso do periódico já mencionado anteriormente, O periódico *O Rio Nu* trazia variados textos sobre as deportações para o Acre, utilizando-se, muitas vezes da ironia e da pilhéria:

Os cáftens desterrados para o Acre fizeram grande previsão de canhões húngaros e russos para se defenderem, caso tenham que passar mais de 60 dias naquellas saudáveis e hospitaleiras regiões. (LOPES TREPEAUX). (PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VII, nº 674, 21-12-1904. MATÉRIA: “A Semana despida”, p. 02.)

Os desteros compulsórios de revoltosos e de não revoltosos foi, sem dúvida, o desdobramento mais cruel do levante da vacina, tendo em vista que a viagem para a Amazônia, era sem volta, quer seja pela distância, quer seja pelas condições financeiras dos desterrados, os quais passaram a viver numa realidade distinta numa floresta hostil à habitação humana. Citamos aqui uma crônica, assinada por Ruy Valle, no periódico *O Malho*, na qual o cronista sustenta que o desterro será a redenção para toda uma horda de “gente da lyra, heroes de gaforinha e de navalha, com retrato na detenção”, trocando “a navalha e a viola pelo alvião e pela enxada”. Mais adiante, o cronista compara os degredos de 1904 com aqueles dos séculos XVI e XVII, os quais apregoavam uma espécie de “limpeza da Europa”, expurgando os condenados pela inquisição e os praticantes de pequenos crimes. (SOUZA, 1994). A seguir transcrevemos trechos da crônica:

Chronica de estado de sitio... Que pode ser sinão uma rezenha fria de cousas apagadas? O estado de sítio exerce uma influência exquisita nesta terra desde que o decretou, toda a agitação serena, toda a perturbação cessa. [...]

Uma ligeira onda levantou por momentos esse véo de águas mortas: partiu sorrateiramente para o Acre um navio conduzindo uma leva de degredados. Toda a gente sabe que esses degredados são o povo da lyra, heroes da gaforinha e da navalha, com retrato na detenção e medida no gabinete anthropometrico: foram eles que constituíram o “povo indignado” em cujo pronunciamento se apoiou o Sr. Lauro Sodré para salvar a pátria. Partiram certamente com a alma desvairada, o coração dilacerado, mortos de saudades das vielas da Saúde, que são o seu campo de glória. [...]

O degredo é ás vezes a regeneração. Outro meio, outros hábitos. Alli na terra virgem, a necessidade de viver os há de dar forças ao trabalho, que o parasitismo se torna impossível de todo. Em face da beleza brutal e imponente, meiga para os que a afrontam, cruel para que se deixam amedrontar por ella, o povo da lyra abandonará a viola e a navalha pelo alvião e pela enxada. [...]

Auguro ao Acre, um brilhante futuro. Abram a história e verão que todos os povos do mundo não nasceram de fonte mais pura do que essa. Roma foi um couto de bandidos e entretanto chegou a dominar o mundo. O Brasil é uma grande terra e todavia não começou a colonisal-o sinão com as fezes sociaes. O Acre irá longe... A terra é rica, fertilíssima e cheia de borracha. [...]

O pessoal que vai para lá é valente, destemido, capaz de enfrentar os perigos naturaes. Novos seringais serão descobertos, conquistados aos índios, debastados e o dinheiro correrá das feridas da árvore da borracha como aqui corria o sangue das facadas que esse pessoal tão levemente sabia administrar. Todos ganham com essa festa. Ganhou sobretudo o chefe de polícia, ainda mais a estima e o apreço dos homens de coração, que virão que não o dominou a cegueira do ódio ou a indiferença da crueldade, mas ele soube fazer a escolha do pessoal a desterrar com a gravidade e a serenidade do juiz que não quer punir o inocente.

(CÓDIGO: PR-SPR 218 TITULO: *O Malho*, ano III, nº 116, 03-12-1904.MATÉRIA: “Chronica”, p. 04)

Na coluna “Semana Despida”, do periódico *O Rio Nu*, assinada por um cronista sob o pseudônimo de Pintassilgo, deixava-se claro para o leitor que as deportações estavam longe de ser uma punição para os revoltosos, mas antes foram despachados cafetões, como se pode observar no trecho a seguir:

Seria um facto inexplicável para o público si *O Rio Nu* deixasse de procurar qualquer dos illustres representantes do caftismo a bordo do navio que os conduzia para o Acre.

Quando chegamos á ilha das Gibóias, já haviam embarcado os magnatas obrigando-nos a fretar uma lancha que nos levasse ao destino que almejávamos. Quase encostado ao portaló da prôa, distinguimos Leão C... que conver-

sava animadamente com a Sarah e com a Carmem,, habitantes da zona do Rio.

– Precisávamos falar-lhe, dissemos.

– Pois não.

E entramos na matéria:

– Que pretendem fazer no Acre?

– Nosso negócio.

– Não acha difícil?

– Qual! Em todo lugar encontramos quem nos queira.

– Esperam ganhar fortuna?

– Não tanto como aqui. A Sarah, por exemplo, era raro o mez que não me passava 1.500\$; a Carmem variava de 500\$ a 1000\$.

[...]

Estavam muito tristes, pois acostumaram-se àquilo e não sabiam como poderiam viver dalli por diante

– Homens não faltam, arriscamos...

– Como Leon, non! E´s um sinhôr bom, amico da gente. Ensinou os costumes brazileiras, tudo, tudo, tudo.

[...]

– E as duas? porque não vão?

– Não podem. Ficam bancando aqui até a nossa volta.

– E si o estado de sítio prolongar-se?

– Melhor será. A volta traremos gente de arregar o olho que com as que já temos, dar-nos-há fabulosas fortunas!!

(CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VII, nº 675, 24-12-1904.
MATÉRIA: “Os sucessos de 14 de novembro”, p. 07.

A crônica *Os sucessos de 14 de novembro* narra um diálogo entre um jornalista do periódico *O Rio Nu*, um cafetão e duas prostitutas. O jornalista próximo ao embarque na Ilha das Cobras, pergunta a um cafetão e a duas prostitutas, o que esperam da ida ao Acre e estes respondem que farão bons negócios, inclusive com previsão de trazer novas pessoas para a prostituição. Tal crônica assemelha-se à crônica reportagem, gênero bastante utilizado na escrita de João do Rio. Conforme nos afirma Brito Broca foi com João do Rio que “a crônica deixava de se fazer entre as quatro paredes de um gabinete tranquilo, para buscar diretamente na rua,

na vida agitada da cidade o seu interesse literário, jornalístico e humano” (BROCA, 2004, p. 247).

Sendo assim, se pensarmos na própria crônica como gênero híbrido, que nasce no jornal e passeia entre o literário e o não literário, captando o miúdo, o efêmero, conforme afirma Antonio Candido:

[...] é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera [...] Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (CANDIDO, 1992. p. 14-15).

Ressalte-se que a crônica reportagem foi uma tendência dos 1900. Brito Broca (2004) atesta que foi a partir de 1900, que a imprensa passou a dar mais relevo à notícia e à reportagem, em lugar dos artigos e textos de opinião. Tal transformação atendia ao gosto do público leitor, o que facultava “aos intelectuais, aos escritores, os jornais lhes pediam menos colaboração literária – crônicas, contos ou versos – do que reportagem, noticiário, tarimba de redação.” (BROCA, 2004, p. 81)

De modo geral, os textos publicados na imprensa carioca de então, que tratavam do assunto da Revolta da Vacina e das deportações para a Amazônia não só dos revoltosos, mas de indivíduos considerados indesejáveis, afirmavam veementemente que esses desterrados seriam a redenção para o povo desordeiro, bem como representaria mão de obra para o trabalho nos seringais.

O texto *Para o Acre*, assinado sob o pseudônimo de Othello, o Bello, foi escrito sob a forma de poema, também publicado no mesmo periódico (*O Rio Nu*). O texto além do tom da pilhéria, nos mostra ironicamente os desterrados para o Acre, utilizando-se de uma linguagem pseudorromântica de exortação à uma nova vida para os desterrados, na Amazônia. Veja Fig. 2, abaixo.

O texto, de fato, faz menção a importantes aspectos da região do Acre, pois alguns dos desterrados foram destinados à cidade de Cruzeiro do Sul, cidade cortada pelo Rio Juruá e mesmo no abandono de uma terra longínqua, há de surgir “a nova raça altiva”.

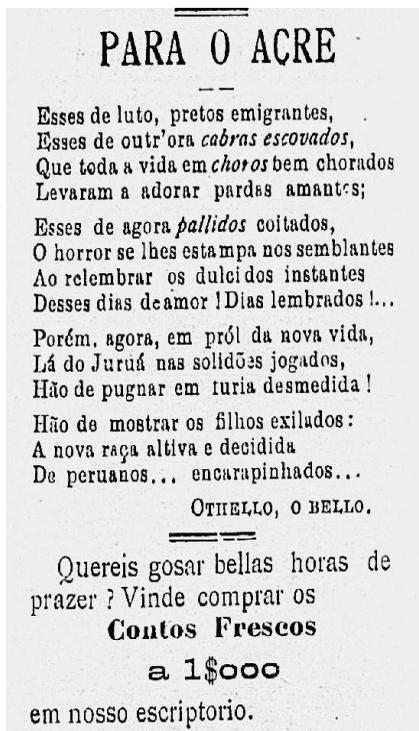


Fig. 2. CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VIII, nº 691, 18-02-1905.
“Para o Acre”, p. 02.

A seção “Cartas de um caipira” no periódico *O Rio Nu* apresentava a crônica sob a forma de carta, utilizando a linguagem humorística e o dialeto caipira. Em uma das edições, a carta é endereçada ao compadre Numa Telle, na qual o missivista Juca Galinha explica que foi pego durante os protestos da rua e foi mandado para o Acre e pede para que compadre cuide de sua mulher:

Cartas de um caipira



CUMPADE NUMA TELLE.

Sicumbido pelas constrañença de minha liberdade individua fui panhado no rastão dos vagabundo desrdero que quebraro os lampião dos combustõ di gais nos conteoimento arrevolucionaro das revolução dos meis de novembro aproximõ cabado do anno qui cabõ.

Sem podê me adisp'di di Nastacia, fui garrado, marrado cumo qualque nimá e in troduzido nos calabõço das ia das Cobra.

Tu não magina, cumpade Telle, cumo o fio di meu pai assofreu infucado no tá presido.

Todos os dia de minhã assurdia um sordado navá quis fregava os costado da gente cum pedaço di cõro p'ra arretirá as marquerença do fio do Tinhoso.

Nos momento da isfregação o seu cumpade mittia os berrero qui não era vida.

Afiná me arretiraro da lá e mi ajugaro nos porão do navio de vela tocado a vapõ.

Aperguntei adonde nos mandava e arrespondero qui era pra os teritero dos Aore.

Ah! cumpade! Uma dô di muié condo tem o fio não tormentava o seu amigo Galinha cumo tormentõ.

As lagrima is correro pelas minha facia arriba e um trimõ conurso tre-meu todo os meu ispihaço.

Apois uma penca de dia di navegã e din jóá vomitando as tripa pela bocca do is tomago travessei uma planiça di montanha e campei nos arraiá qui tá sendo cumandado pelo dotõ Prata Preta, crioulo di culidade e assabedõ de sua in teligença e coragia.

Tudo que assucedê di mais maiõ te arremeto pelas maleta do correo postá.

Tu qui tá i, vê si adescobre Nastacia. Si tu vê ella agruda o oio na muié.

Nastacia, açezá di séra gosta di iscurregá duas veis por semana e o teu cumpade não pode siportá no arto da cabeça cerebrá o peso di tão grande... assofrimento.

Dá lembrança a pertugueza Canceição e braça o adregraçado cumpade

JUCA GALLINHA.

Fig. 3. CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VIII, nº 681, 14-01-1905.
MATÉRIA: "Cartas de um caipira", p. 03.

Na edição do mês seguinte, na mesma seção "Cartas de um caipira", o Compadre Numa Telle responde a missiva ao compadre Juca. O

missivista lamentando a ausência do compadre, que havia ido para o Acre, o aconselha a cuidar de sua mulher adúltera. A seguir, dispomos o recorte da carta:

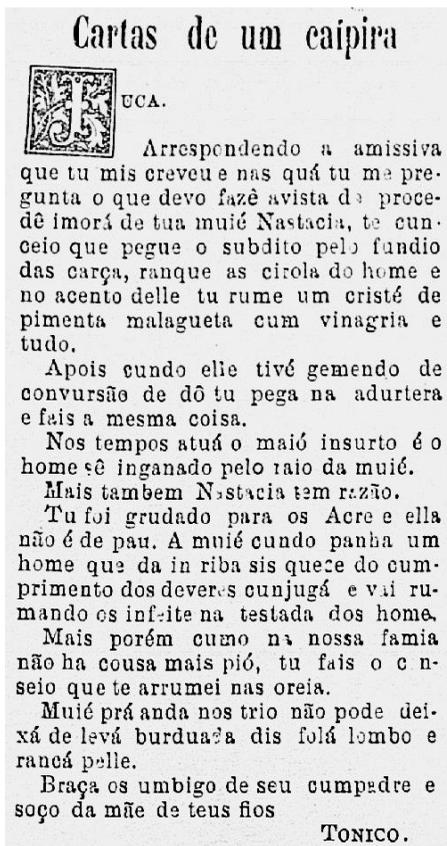


Fig. 4. CÓDIGO: PR-SOR 8 (4) TÍTULO: *O Rio Nu*, ano VIII, nº 692, 22-02-1905. MATÉRIA: “Cartas de um caipira”, p. 07. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

3. Considerações finais

Neste panorama descrito acerca da Revolta da Vacina, foi possível perceber o cenário da *Belle Époque*, para além dos salões e da vida social das elites, tendo em vista que os literatos e os jornais, nos mostram imagens das tensões sociais da Primeira República na crônica diária, ten-

tando pintar por palavras, uma terra distante – a Amazônia. Nesse sentido, pode-se observar como se unem as duas pontas de uma mesma bela época, na qual na Amazônia se vivia o auge da economia gomífera e no Rio de Janeiro, alheios dos salões afrancesados, uma população excluída promovia uma Revolta, que para além da recusa da vacina, havia em seu bojo, reivindicações por melhores condições de vida e de trabalho.

Iluminar, através das diversas escritas literárias veiculadas nos jornais, um episódio ainda pouco estudado, nos traz a oportunidade de melhor compreender quais as razões dos degredos para o Acre, de parte de uma camada popular que estava a exigir seus direitos e exercer sua cidadania, o que representa, sem dúvida, trazer para o debate “os mortos de sobrecasaca” drumondianos. (MALARD, 1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés ao chão. In: CANDIDO et al. *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa; Campinas: UNICAMP, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

ENGEL, Magali Gouveia. Os intelectuais, o nacional e o popular: Rio de Janeiro, 1890-1910. *História social*. Campinas, n. 11, p. 211-226, 2005.

_____. *Povo, política e cultura: um diálogo entre intelectuais da Primeira República*. Ago. 2006. Disponível em:

<<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Magali%20Gouveia%20Engel.pdf>>. Acesso em: 02-03-2012.

GAZETA de Notícias, 14 de nov. 1904.

MAGALHÃES JR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Americana, 1974.

MALARD, Letícia. *Hoje tem espetáculo*. Avelino Fóscolo e seu romance. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. A cidade moderna e o literato: o Rio de Janeiro do bota-abixo. *Duc in Altum*, [Muriaé], v. 8, p. 45-52, 2008.

NEEDELL, Jeffrey D. *Béle Époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. História da crônica. Crônica da história. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio/CCBB, 1995, p. 15-31.

O MALHO, 03 de dez. 1904.

O PAIZ, 13 de nov. 1904.

O RIO Nu, nov. 1904.

REVISTA Kosmo, nov. 1904.

RIBEIRO, Pedro Krause. O “povo” na retórica da charge: Zé Povinho e Zé Povo na imprensa luso-brasileira. (1875-1907). In: *Anais II Encontro Nacional de Estudos da imagem*. Londrina: UEL, 2009, p. 1037-1046.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina*. Mentis insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Francisco Bento. *Acre, a “pátria dos proscritos”: prisões e destertos para as regiões do Acre em 1904 e 1910*. 2010. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

_____. *Acre, a Sibéria Tropical*. Manaus: UEA, 2013.

SOUZA, Laura de Melo e. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.